

Com a graça mais divina de Deus, nasceu naquele século imperial o primeiro filho de Pedro e Maria da Silva, João da Silva, aquele que andava reto na infância, torto na adolescência e em círculos na vida adulta. João teve uma penca de filhos, dos quais passaram dos cinquenta apenas dois, Maria e José, que fugiram para a cidade grande ainda quando pequenos. Maria deu à luz a dois filhos, José a quatro. O sobrenome dos avós paternos seguiu apenas com os três filhos homens de José, dois dos quais acabaram na sarjeta do bar da esquina mais próxima. O outro foi Antônio, coitado, tinha um problema sério no coração e morreu logo depois de completar o primeiro quarto de cento da vida. Ele deixou sua recém-esposa Rafaela e o filho de dois anos Marcos, que agora, na era da informação, cuidando da velha mãe e casando-se pela terceira vez, decide levar consigo apenas o sobrenome da nova mulher, deixando para sempre para trás a herança do pai ausente e doente.

João

Leonardo Schraiber Colato

Aos nove anos, João era destro. Toda noite, apoiava o cotovelo do braço esquerdo na mesa da cozinha e a bochecha na palma da mão e desenhava bem grande com o único lápis que tinha em casa as quatro letras e o sinal de cobrinha que compunham o seu nome. Não conhecia outras letras além daquelas três e nem outros sinais ou acentos, já que aprendera com o filho do meio do patrão do pai apenas a escrever o seu próprio nome. Primeiro desenhava o “jota”, depois os dois “ós”, o “til” e por último o “a”, sempre nessa ordem, deixando o “a” por último pois essa era a letra favorita dele.

– É porque é mais afiada que as outra – ele dizia para o filho do meio do patrão do pai quando os dois se encontravam para escrever, o que aconteceu no máximo umas três ou quatro vezes na infância.

Aos dezesseis, João era rebelde. A casa servia apenas para ter onde pernoitar: passava o dia na fazenda, trabalhando junto do pai nas horas vagas e beijando junto da filha do patrão no restante do tempo, isso quando não saía de fininho junto de um amigo mais velho e os dois roubavam das casas da vizinhança o que fossem conseguir beber e fumar escondidos debaixo da pitangueira do potreiro, a árvore que mais gostava em todo aquele interior.

– Isso é que é vida – ele falava bêbado e alegre para o amigo mais velho, escorado no tronco fino da árvore com um punhado de bolinhas vermelhas e suculentas na mão.

Aos vinte e dois, João era casado. Morava com a esposa num casebre próximo do pai e da mãe construído com uma pequena ajuda do dinheiro do patrão e continuava a trabalhar de peão com o pai. Quantas coisas boas o patrão já lhe havia proporcionado! O trabalho que nascia com o Sol e se punha com ele todos os dias era quase como um favor. Às vezes, aos finais de semana, a mulher insistia que fizesse alguma coisa além de trabalhar, e então iam a um baile ou outro no salão paroquial da igreja que frequentavam, o que ele até gostava fazer, mas não do fato de que era na igreja, o local que ele menos suportava na vida.

– Tu sabe que eu não gosto dessas coisa de ouvir sermão – ele reclamava para a esposa todo santo domingo, apertando a mão suada na dela e seguindo com os olhos as mulheres que cruzavam o caminho deles.

Aos vinte e cinco, João era manco. Pulara de cima da carroça do patrão numa estrada de terra batida e machucara feio o joelho da perna esquerda, além de, nem duas semanas antes, ter perdido inteiros os dedos do meio, o anelar e o mindinho da mão direita numa briga de facão com outros bêbados no bolicho perto da cidade. Com aqueles problemas todos, o trabalho na fazenda passou a ser exaustivo, ainda mais considerando que o pai morrera e o patrão estava demorando tempo demais para contratar alguém para substituí-lo.

– Ele acha que eu sô burro de carga pra trabalhar assim sozinho, bixinho? – ele perguntava melancólico para o único carneiro do rebanho enxugado de pouco mais de quinze ovelhas enquanto tirava suas pausas para sentar na sombra e dar uma massageada na patela do joelho ruim.

Aos vinte e oito, João era pai. Na verdade, nessa idade, era pai pela última vez, pois já tinha uma penca de filhos: três meninas e três meninos, e mal sabia com certeza o nome de todos, só do último menino, o mais recente, que foi ele quem colocara em homenagem ao falecido pai. A esposa não ganhava muito fazendo faxina na cidade, e a bebida e o fumo que comprava escondido a cada dois dias no bolicho não eram baratos, então alimentar o casebre inteiro e a mãe na casa ao lado no ritmo em que ele trabalhava na fazenda era coisa de maluco. O patrão até ajudava com uma quantiazinha ali, outra lá de vez em quando, roupas usadas, alguns ovos, um pouco de leite, as partes dos bois carneados que não gostava, mas ainda assim eram cabeças demais com as quais seu espírito cansado tinha de se preocupar.

– Já sei, não quero saber – ele gritava para dispersar qualquer pio que a esposa pudesse dar quando chegava cambaleando tarde da noite em casa.

Aos trinta dois, João era ausente. Nessa época, não lembrava mais como escrever o nome, e nada mais era escrito por ele também, pois, após as três ou quatro vezes na infância, nunca mais conversara com o filho do patrão para aprender outras letras além das três que lhe pertenciam. Aquilo não mais o interessava, mas continuava a trabalhar, sim: todos os dias o patrão confirmava a presença do peão na fazenda. Depois do trabalho, não retornava mais para casa e, quando o fazia, a choradeira dos filhos era tão alta quanto os xingamentos da mulher. Era sempre a tal da bebida o motivo da discussão, mas também disputavam o protagonismo com ela o tal do dinheiro que não tinham, os tais dos longos e repentinos sumiços de casa, o tal do desinteresse na criação dos filhos e essas coisas todas que ele detestava ouvir.

Aos trinta e três, João era canhoto. Numa manhã de domingo depois da missa que não foi com a família, apoiou o cotovelo do braço direito na mesa da cozinha e a bochecha na palma da mão deformada e, com a espingarda que guardara do pai em pé no chão, o caníço pressionado contra a parte mole do queixo, deu-se um tiro. Aos trinta e três, João era morto.